



Faleceu hoje, dia 25 de setembro de 2026, no Hospital Divino Espírito Santo, aos 92 anos de idade, Artur do Nascimento Magalhães, casado com Maria de Lurdes Ferreira Ramos Magalhães. Pai de Luís Artur Ferreira Ramos Gouveia de Magalhães, Stela de Lurdes Ferreira Ramos Gouveia de Magalhães Silveira, e de Cristina Micaela Ferreira Ramos Gouveia de Magalhães. O seu corpo estará em câmara ardente hoje, dia 25, a partir das 18h00, na Clínica do Bom Jesus, em Ponta Delgada. O funeral realiza-se amanhã, dia 26, após missa de corpo presente, às 11h00, na Clínica do Bom Jesus, seguindo para o crematório de São Joaquim. À família enlutada, apresentamos as nossas mais sentidas e sinceras condolências.

25 set 2026

É com extremo pesar que participo que mais um nos deixa, o Artur do Nascimento Magalhães do Sendim da Ribeira, Angola e S Miguel, Açores deixou-nos esta manhã.

Jamais esquecerei as cartas que me mandava para a Austrália e Bragança até nos convencer a vir visitá-lo em junho 2005. Curiosamente foi mais do que uma visita, pois andamos com ele em busca de casa para residir, pois a Nini ficara cá colocada. Durante anos, foram eles a família, durante muitos anos mantivemos a tradição dos almoços de domingo, primeiro no Cantão, depois fomos variando. Ultimamente víamo-nos menos, pois eu só ia a consultas e voltava, mas havia combinado que quando a Bebê viesse aos meus anos lá iríamos tomar um café. Afinal faltou uma semana para o fazermos.

Quero aqui deixar expresso publicamente que foram uma segunda família nestes anos todos e a eles devo a hospitalidade com que nos receberam. Quer eu, quer a Nini devemos imenso pelo que fizeram por nós em estes anos e no apoio que me deram e companhia quando a Nini faleceu. Durante estas décadas deram-nos muito mais apoio do que a minha família de sangue Magalhães a que pertencíamos. Eles foram à falta e ausência de outros, a família, assim como durante 14 anos a família Batalha (Nené e Lala, haviam sido os meus pais).

Esta é a versão primeira e original da minha narrativa de chegada aos Açores para vivermos: « JC não sabia nada disto quando, antecipando umas férias prometidas na Ilha de S. Miguel, aterra pela primeira vez no grupo oriental dos Açores. Bom tempo, quente e húmido (26 ° C, 85% humidade). Estavam à espera uns primos direitos da sua mãe, emigrados, quando foram expulsos da então Província ultramarina, vulgo colónia, de Angola, em 1975. Nunca mais saíram, a não ser em férias.

No aeroporto de Ponta Delgada começaram as complicações, pois a bagagem tinha-se extraviado... Entrara no Porto num pequeno e acharutado avião da Portugalá [Embraer EMB-145LR] rumo a Lisboa, onde mudara para um aeroplano maior [Airbus A310-304] da SATA. A vista durante o voo limitou-se a esse vasto e imenso mar salgado de lágrimas camonianas, que separa a Europa do Continente americano. Embora não houvesse tubarões visíveis, interrogara-se sobre a sua presença nestas paragens, agora que o mundo assiste a uma fase de aquecimento global. Nunca imaginara servir de repasto a esses simpáticos animais que tão ferozmente povoam a mente dos mais suscetíveis ao medo. Vieram à mente as sagas dos navegadores de antanho, à vela e à bolina, desbravando mares temerosos, de fantasmas imaginados e de monstros marinhos ainda por deslindar. Frequentemente atacados pelo escorbuto, pela fome e pela sede, dias e meses a fio, sem verem terra firme na miragem de descobrir novas chãs para a cristandade e para os cofres das altezas reais. Só com muita fé, medo e necessidade os marujos podiam ter sobrevivido a tanta provação.

No avião, foi servida, para jantar, uma sanduíche indescritível da SATA (da sua memória, nada ficou) e um queque. Só na executiva há direito a refeições. Felizmente não tinha fome nem escorbuto, pois a

dose soube a pouco. As malas não chegaram; tinham-se perdido algures no transbordo entre o Porto e Lisboa. Que, nisto de mareantes dos céus, não se podem confiar as malas a ninguém. Aquela companhia de aviação (ex-Portugália, há anos adquirida pela TAP), orgulhosamente verde e grená, era a que mais malas perdia entre todas as companhias na Europa. Ali estava com a mulher, perante o dilema de trazer a roupa que tinham no corpo e a pequena mala a que, em Portugal, se chama pomposamente “nécessaire”, com cosméticos. Pelo menos, cheirar mal não iria, e sempre se poderia barbear, mas teriam de dormir sem pijama.

A pior cena foi a do jantar em casa dos primos. Da comida típica portuguesa, apenas abominava (e não conseguia comer) lulas e polvo, além de fazer uma certa cerimónia da mulher do primo (apenas a vira uma vez) e, logo, ela os havia de presentear com aquele jantar de lulas...

Já em 1980, com outro primo, tivera uma cena semelhante. Estava em Lisboa numa das suas incursões a Portugal, e esse primo direito, recém-casado com uma menina muito bem da Linha de Cascais, queria impressioná-lo com a sua casa, a sua riqueza, a sua mulher cor-de-rosa e tudo o mais para o australiano ver. Ao chegarem ao jantar, iluminado pela música clássica e pelo som romântico das velas, em castiçais de prata maciça, colocam-lhe um prato de comida à frente. Iria ficar a deliciar-se durante vinte minutos. Passeava o garfo em círculos concêntricos ou em espiral, em movimentos entrecortados, acompanhado pelo saltitar da faca, que esboçava novos bailados ou desenhos no molho viscoso e escuro. Imagens onde a luz das velas não conseguia penetrar...

O cheiro intenso e a consistência da carne eram por demais óbvias, maldito polvo. Lá se fora a cerimónia, antigamente denominada “das nove horas”. A jovem esposa teve de ir, de emergência, à cozinha e pôr um bife a descongelar no micro-ondas. Comi-o com arroz, já frio. Seria este o primeiro e único jantar em casa desse primo, quer durante esse casamento, quer nos seguintes. Ainda hoje, interrogava-se por que nunca mais fora convidado por ele.

Pois bem, regressemos à narrativa a Ponta Delgada, onde, depois da falta de bagagem e do incidente do polvo, nada fazia prever novos acontecimentos nefastos. Os primos resolveram oferecer, na primeira noite, uma rápida visão urbana, levando-os até à avenida marginal (Infante D. Henrique), ainda frequentada, apesar de já ser noite alta, com muitas pessoas a pé e muitos carros a circularem. Nessa data, ninguém idealizara as Portas do Mar, o novo cais e marina que surgiriam em 2008... Numa primeira abordagem enganosa, parecia mais cosmopolita e dinâmica do que Bragança. Depois, foram ver as vistas do porto, da marina e da baía, pela esplanada do Clube Naval, que, em 2001, celebrou os cem anos.

À entrada do parque de estacionamento, o carro tocou na berma e lá se foi um pneu. As bermas são basálticas não arredondadas. Pelo contrário, erguem-se perpendiculares a dez centímetros do solo, como facas aceradas à espera do incauto pneu que ouse tocar-lhes. Após tomarem café e fingirem que nada de anormal se passara, ajudaram a trocar o pneu por um de reserva. Tratava-se duma miniatura de pneu que, atualmente, algumas marcas usam como sobressalente. São uma péssima desculpa para poupar espaço e dinheiro, antes de se destinarem a roubar o comprador da viatura, de direito a cinco pneus idênticos, como era o uso. Voltaram para o interior do Clube Naval, pondo em dia a conversa com mais de três décadas de atraso, tal foi o vão temporal e geográfico que os seus encontros proporcionaram. Quando se preparavam para sair, por volta da meia-noite, a miniatura de pneu de reserva estava irremediavelmente vazia.

Ali mesmo aprendeu que não era conveniente deixar o carro até à manhã seguinte. A zona era frequentada por emigrantes “devolvidos” pelos EUA e pelo Canadá por terem cometido crimes e por não possuírem a nacionalidade desses países. Mais tarde, aprenderia que esses repatriados eram responsáveis por grande parte dos problemas sociais da Ilha: um número inusitado de crimes, um enorme consumo de drogas e outras coisas que o progresso traz ao trazer gente de países desenvolvidos para ilhas protegidas como estas.

Andaram pela marginal, a pé, o que pareceu mais de dois quilómetros (afinal, era muito menos) até apanharem um táxi que as deixou em casa enquanto iam comprar um daqueles tubos mágicos que enchem pneus vazios. O desembarque inicial em Ponta Delgada foi atribulado. Nenhum dos presentes se esqueceria durante várias luas.

Foram deitar-se sem roupa, mas o calor e a humidade o permitiam. Na manhã seguinte, levantaram-se cedo, pois nos Açores andam uma hora atrasados. Ao levantarem-se pelas 10 horas, no Continente, eram as 9 horas nos Açores. Já o primo, a pé bem cedo, tinha ido comprar pneus novos. Custou-lhe saber que nunca mais recuperaria esta hora de sono que lhe fora roubada, até um dia ir viver fora do arquipélago.

Nos dias seguintes viram paisagens da Ilha verde num roteiro turístico que os levou a vários pontos. As Furnas malcheirosas, a quase sempre enevoadas Lagoa do Fogo e as belas Lagoas das Sete Cidades.

Começaram a buscar casa após terem visto a enorme escola onde a sua mulher iria lecionar – pelo menos – durante três anos. Diziam a todas as pessoas que vinham para ficar e que queriam uma casa sem móveis. Viram poucas e más, todas mui pequenas e com mobília, mas acharam-nas caras (500 euros ao mês por um T2 com cerca de 70 m² na Maia). Claro que isto era barato em comparação com os preços em Ponta Delgada, já exorbitantemente semelhantes aos de Lisboa.

Em tempos fiz um curto filme com imagens que retratam bem a nossa amizade e partilha de bons momentos. Está em <https://youtu.be/PSiAP-3NBwo?list=PLwjUyRyOUwOlumycRq7THcBvbodzfXhp>

Trataram de burocracias relacionadas com a mudança para a Ilha, mas, de casa, nada, até que lhes surgiu, a uns 4 km da escola, a hipótese de uma vivenda de 2 quartos, em vias de conclusão das obras. Tinha um sótão amplo [aqui designado como “falsa”] com uma área razoável, de cerca de 60 m², mas o teto estava à vista, sem proteção contra a chuva. Pediram-lhes 60 contos mensais na moeda antiga (300 €).

Na “falsa” JC, anteviu logo um pequeno escritório de janela, com vista para as vacas alpinistas e para o mar. Via-se metade da costa norte até à ponta Oeste na Bretanha. Perguntaram ao dono da casa se era possível instalar uma placa de madeira (criptoméria) para forrar o sótão, e ele concordou. Ficaram contentes. Na manhã seguinte, voltaram para ver melhor a casa e tirar medidas, de modo a reavaliar o que iriam trazer do enorme apartamento de 200 m², que chamaram lar durante três anos em Bragança.

A casa estava em acabamentos. Ainda foram a tempo de indicar onde queriam umas tomadas elétricas e de telefone. Atrás, havia um pátio – metade coberto – e, depois, um enorme quintal de 50 por 20 m, com vistas para o mar.

Afinal, arranjaram casa bem perto da escola, contra todas as expectativas e com muita sorte, visto que, na Ilha, além de serem pequenas, estão normalmente mobiladas para o aluguer fácil e rápido a forasteiros (normalmente professores, a nova classe de caixeiros-viajantes, ou de caracóis com a casa às costas, que caracterizam o ensino atual em Portugal).

Ficariam mesmo no centro da aldeia. Cedo entenderam que os nativos não gostam de chamarmos as mesmas por esse nome; acham mais pomposo e digno o termo freguesia. A rua, frontal à imponente Igreja de 1877, dispõe de um café a dois passos, na esquina de cima, que também pertence ao senhorio que acumula a função de Presidente da Junta de Freguesia. A aldeia agrícola onde vivia, sobre o mar, era povoada por gentes simpáticas e corteses que os tratavam com deferência. Existem mais dois cafés (tipo taberna) perto, dois minimercados, uma loja de ferragens, uma bomba de gasolina (em frente aos Bombeiros) e, no comércio, mais nada, exceto a Caixa Agrícola dos Açores com o buraco na parede (ATM).

Regressariam a Bragança para fazerem as despedidas dessa terra-mãria que tão bem os acolhera, deixando uma casa alugada nos Açores, um pedido de linha telefónica, de TV Cabo, etc.

Após a chegada definitiva, um mês e meio depois, antes da vinda do contentor, JC demoraria uma semana para se sentar em frente ao seu fiel teclado e fazer o primeiro relato sobre a ilha. Estava numa aldeia agrícola sobre o mar, com gentes simpáticas, aparentemente muito educadas e corteses. Entendiam-se, apesar do sotaque, curiosamente difícil de apanhar. Nesta terra, aqui em plena costa norte, fica localizada numa Lomba, assim denominada por estar numa elevação, a 4 km da Vila piscatória da Maia, implantada numa chã junto ao mar, onde a sua mulher vai dar aulas e o Nigel vai frequentar a 4.^a classe (4.^o ano, como pomposamente se lhe chama hoje).

Uma primeira constatação etnográfica: só há agricultores e leiteiros... parece um faroeste dos vaqueiros. Estavam a viver em pleno centro da aldeia, a 20 m da Igreja monstruosa de grande, que assusta com o repetido repicar dos seus sinos, indicando as horas, as meias horas, os quartos de hora e os desastres naturais e pessoais que vão acontecendo, como mortes, nascimentos e casamentos.

A casa demorou mais uns dias do que o previsto, mas ficou pronta para habitar e, agora, poderiam enfim dizer que era um T2+2 com um sótão, onde o senhorio construía dois novos quartos (o de dormir do Nigel e o de brincar) e, para a frente, com janela para o mar, montou um pequeno escritório onde cabem 2 secretárias, os PC e os auxiliares, arquivadores e 2 estantes. Tinham um belo e amplo pátio coberto, onde colocaram uma mesa para almoçar, com um banco de Igreja e outro de pedreiro, além de um grelhador (BBQ) a gás e uma banca. Depois havia o longo quintal, ainda cheio de batatas acabadas de colher, onde construíram outro grelhador (barbecue) a lenha, com vistas para o imenso mar da costa norte.

O clima parece (mas não é) mais ameno do que em PDL (Ponta Delgada), menos húmido e mais fresco, com temperaturas entre 21 e 25 °C., O mar é mais frio: 20-22 °C; em PDL, 23-24 °C... No inverno, frio entre 12 e 17 °C (ah! ah! que saudade dos -12 °C a +43 °C de Bragança) e aqui há nevoeiro com vento... muda constantemente e tanto chove quanto faz sol... As lagoas, crateras e baías são um

espetáculo. Os montes e colinas, cheios de vegetação, estão pejados de vacas penduradas como alpinistas. O peixe (dizem) é ótimo, a carne apreciável (menos que a posta mirandesa de Bragança), o pão acabado de fazer é entregue todas as manhãs à porta, e o leite vem diretamente da vaca para casa.

Depois disso narrado, entregaram-se à hercúlea tarefa de desmontar o que faltava dos 148 caixotes (36 m³), a mobília e o carro que vieram por barco e chegaram à rua com grande espalhafato e algumas interrupções viárias. O camião interrompeu a circulação, meteu as suas sapatas (pás) no chão e começou a içar o enorme contentor para o depositar no passeio, tendo depois saído do seu bojo, a viatura e os caixotes todos, transportados ao longo de várias horas para o interior da casa, até esta ficar praticamente sem espaço para uma pessoa se mover.

Após umas semanas de bom tempo, vieram três dias de chuva sem parar e outros três maravilhosos, sem chuva. Consta que nada disto é normal, pois o habitual é chover, passar, vir o sol. De início, só encontrei duas pessoas antipáticas (ambas na administração dos serviços de saúde... se calhar, precisavam de tratamento).

Assiste-se, nesta fase, a uma nova colonização dos Açores. Existem centenas de profissionais de fora que vêm para cá em busca de emprego, principalmente no setor do ensino. As escolas têm uma qualidade superior à das do Continente, quer em equipamentos, quer mesmo em organização, pelo pouco que já observara.

Terminou agosto com uma semana de folguedos à antiga portuguesa, com o culminar das Festas da terra, que incluíam uma sessão de fados à desgarrada (aqui chama-se cantigas ao desafio), como JC já não ouvia desde a infância, agora acrescida dum sotaque curioso.»

Muitas vezes, os primos em Ponta Delgada telefonam para perguntar quando vão à civilização. Se bem que, por vezes, isso faça bem, o certo é que os recém-chegados se sentem bem no calmo remanso da sua Lomba...

Esta é a última foto juntos nos 90 anos dele em 2024



